

Eric Toussaint: Uma rebelião na Europa é possível

<http://www.cadtm.org/Eric-Toussaint-Uma-rebeliao-na>

Entrevista realizada em 19 de abril de 2011, por David Muratore[1], em Rosario (Argentina), terra natal de Che Guevara.

Eric Toussaint, que esteve em Rosario, convidado por diferentes organizações sociais (sendo uma delas a seção de Rosário da Central dos Trabalhadores da Argentina - CTA) falou sobre a questão da economia mundial e da América do Sul. Na entrevista ele afirmou também que "uma rebelião popular em alguns países europeus é possível." Ele antecipou também o aumento das taxas de juros no Norte, podendo causar sérios problemas para as economias dependentes. Ele recomendou assim que a América do Sul "*faça uma auditoria da dívida ilegítima, que não a pague e que invista em fontes de financiamento endógenas, como o Banco do Sul*".

Economista e historiador, seu primeiro trabalho por 10 meses, em 1972, foi de jornalista esportivo, quando comentava os jogos de futebol para um jornal belga[2], muito embora não seja ele do tipo que jogue futebol e ainda deteste os negócios que giram ao redor do mundo do futebol.

A crise econômica e financeira mundial vai durar entre 10 e 15 anos ainda

A crise econômica e financeira mundial vai durar entre 10 e 15 anos ainda nos países industrializados, anunciou Eric Toussaint em uma discussão com a equipe de comunicação da CTA de Rosario e com o jornalista Álvaro Torriglia, do diário *La Capital*. Ele explica que a situação é diferente para os países do Sul "*que se beneficiam de uma conjuntura favorável graças aos preços elevados das commodities e da situação da China, como locomotiva da economia mundial*". Um outro fator, favorável atualmente para os países do Sul, é as taxas de juros baixas dos países de primeiro mundo "*que permitem aos países emergentes reembolsar suas dívidas sem que isto afete muito suas economias uma vez que pagam uma taxa de juros relativamente baixa, uma taxa sustentável*." Mas isso dito, ele nos oferece uma primeira advertência: "*Esta situação favorável resulta de dois fatores que são alheios à América Latina, à África e a grande parte da Ásia. Primeiro fator: as decisões dos bancos centrais do Norte de manter as taxas de juro baixas. Segundo fator: o boom econômico chinês*". Mas isso, de acordo com Eric Toussaint, não altera a situação que causou a crise internacional. "*As taxas de juros baixas nos Estados Unidos, desde 2008, e na Europa, desde 2009, permitiram às empresas que estavam à beira da falência, assim como às empresas que detinham ativos tóxicos, de se refinanciar; isto diminuiu o impacto da crise, mas com uma injeção vultuosa de dólares e euros no sector financeiro temos um grande volume de liquidez, do qual uma grande parte vai para as atividades especulativas relacionadas às matérias-primas, alimentos e títulos da dívida pública de países europeus como a Grécia, Portugal, Espanha e Irlanda. Os bancos centrais deveriam, logicamente, aumentar suas taxas, restringendo assim a formação de novas bolhas mas, ao mesmo tempo, faria explodir as bolhas existentes, conduzindo a novas*

falências. Além disso, uma vez que as taxas de juros aumentam, o custo do reembolso da dívida pública aumenta, o que está acontecendo, já que, há alguns dias, o Banco Central Europeu elevou sua taxa básica, passando de 1% para 1,25%. Caso a alta dos juros se confirme, tomando proporções significativas, isso terá um impacto negativo importante sobre as economias do Sul.”

A alternativa do não-pagamento da dívida para os países da periferia da Europa

Eric Toussaint considera uma entrada em dificuldades de vários países europeus. Ele afirma que *“o exemplo argentino[3] está em discussão na Europa. A suspensão do pagamento da dívida pública é uma possibilidade para países como a Grécia, Portugal, Irlanda ou mesmo a Espanha”*. Para que isso não seja considerado como um exagero, ele salientou que *“esta é uma discussão espontânea, dada a dificuldade da situação e que aparece no jornal econômico de referência que é o Financial Times e também na última edição do The Economist. Perante esta situação, movimentos sociais como o nosso, o Comité pela Anulação da Dívida do Terceiro Mundo, www.cadtm.org, sustentam a perspectiva da inadimplência.”* Eric Toussaint propõe a suspensão dos pagamentos, a realização de auditorias – *“diferentemente do que aconteceu na Argentina”*, para detectar a parte ilegítima e forçar os detentores de títulos a aceitar as anulações ou as reestruturações, com uma redução do estoque da dívida.

A continuidade das velhas receitas neoliberais

Apesar desta discussão sobre a solução da crise para os vários países europeus através da cessação de pagamentos, as políticas implementadas pelos governos são as mesmas receitas neoliberais de sempre, disse Eric Toussaint. Ele dá como exemplo *“as privatizações, como na Grécia, um país pequeno onde pretendem impor privatizações de mais de 50 bilhões de euros, mas onde as mobilizações sociais continuam a ser importantes.”* Ele aborda desta forma a ideia que deu o título a esta entrevista: *“não se pode descartar que possa haver uma reviravolta num determinado momento, como resultado do aumento desses protestos”*, mas *“eu diria que estamos sendo confrontados, na Europa, com uma situação do tipo ocorrido no governo de De la Rúa - Domingo Cavallo, embora na Argentina tenha acontecido aquilo que nos é conhecido, em dezembro de 2001.”* O governo de centro-esquerda de Fernando de la Rúa e seu ministro da Economia, Domingo Cavallo (ex-ministro da ditadura argentina), aplicou fortes medidas neoliberais, em um contexto no qual a Argentina estava em recessão há mais de dois anos. Isso causou uma revolta social muito forte em dezembro de 2001. Isso derrubou o governo (o presidente "escapou" do palácio presidencial num helicóptero) e levou o novo presidente (Rodríguez Saa) a decretar, no fim de dezembro de 2001, a suspensão do pagamento da dívida e a fazer importantes concessões ao movimento social cujas mobilizações foram muito fortes em 2002-2003.

Eric Toussaint vê este tipo de "reviravolta" como uma possibilidade em alguns países como a Irlanda, Portugal ou a Grécia. Entretanto ele precisa em seguida: *“esta situação pode durar anos, pois é claro que as esquerdas tradicionais européias dão continuidade, quando alcançam o poder, às políticas neoliberais, e o resultado é, portanto, a necessidade de uma crise desse tipo de orientação, a crise dos partidos tradicionais da esquerda européia para que uma mudança ocorra. Vemos isso com os governos socialistas de Portugal e da Grécia. Na Europa, pode haver uma rebelião popular com as mesmas dimensões do levante argentino ou daqueles ocorridos contra as ditaduras do Norte de África.”* Perguntado se ele vê condições objetivas de revoltas

populares em países da periferia da Europa (Grécia, Irlanda, Portugal), Toussaint respondeu afirmativamente: “*Sim, absolutamente!*” Até então, os protestos têm seguido seu caminho tradicional “*greves gerais, sem excessos, exceto na Islândia, onde houve uma rebelião nas ruas.*” Apesar do fato de que a Islândia é um país de quase 350 mil habitantes, os protestos contra os responsáveis pela crise marcaram a história deste país “*e os islandeses rejeitaram, no decorrer de dois referendos, o pagamento da dívida externa da Islândia*”[4].

Eric Toussaint continua, referindo-se às revoltas na África do Norte que podem também ter repercussão em alguns países europeus mais afectados pela crise. A proximidade com a zona mediterrânea da Europa, em particular no que diz respeito à Grécia e à Espanha, e a existência nesses países de trabalhadores originários daqueles países Africanos, vêm em apoio a essa possibilidade.

Sem chegar ao ponto de dizer que estes trabalhadores seriam a causa de uma rebelião europeia, ele explica que em alguns setores da opinião pública europeia surgiu a ideia de que “*se as pessoas se opuseram na África do Norte aos governos absolutistas e violentos, porque não se oporiam a governos como os da Europa que não respeitam a vontade popular?*”. Eric Toussaint vê no resultado das eleições na Europa uma insatisfação que se reflete na busca de alternativas, incluindo aí a extrema-direita. Trata-se de mais uma demonstração suplementar de insatisfação quanto à política econômica praticada pelos partidos tradicionais na Europa, tanto de centro-direita quanto de centro-esquerda. Obviamente que onde o eleitorado volta-se para a direita a rebelião parece distanciar-se. A Hungria e a Finlândia são exemplos desta virada à direita.

Rumo ao fim do Euro? O centro e a periferia europeus

“*O euro está em crise e, em muitos países, diferentes sectores da opinião pública sugerem a saída desta moeda, certamente uma discussão que está aberta*”, disse Eric Toussaint.

Em seguida, ele propõe uma agenda com os temas mais importantes: o tema principal sendo o da dívida e das auditorias da dívida, a decisão de continuar ou não os pagamentos e o segundo tema sendo a retirada ou não do Euro, da parte de países como a Grécia, Portugal e Irlanda. Ele explica que nos países periféricos da Europa, gozava a União Europeia de um grande crédito, na década de 1970 e no início de 1980, uma vez que ela simbolizava o distanciamento das experiências totalitárias na Espanha, Portugal e Grécia. Hoje em dia este contexto não existe mais. Havia também uma transferência de capitais da Alemanha, da França e do Benelux para esses países, que também não existe mais hoje. “*Agora temos uma relação Centro-Periferia no seio da União Europeia, uma relação desfavorável para a periferia.*”

“*Quem são os detentores dos títulos da dívida grega?*” pergunta-se ele, antes de responder: “*os banqueiros alemães e franceses, num montante de 41%, seguidos por banqueiros italianos, belgas, holandeses e britânicos; ocorre de forma semelhante com a dívida da Espanha, do Portugal e da Irlanda*”, o que tem por consequência que os países mais pobres da Europa efetuam uma transferência de recursos para os países da Europa “Central”. Isso gera um sentimento de descontentamento nestes países periféricos. Na imprensa alemã, e mesmo na Europa em geral, tentamos apresentar a Alemanha como oferecendo assistência aos países na periferia, embora não seja este o

caso, esta "ajuda" retorna para o sector financeiro privado alemão.

Os países do Sul e a dívida

“O problema na América Latina, por exemplo, é que os governos não levam em conta a forma como a situação poderá evoluir, considerando eles que o pagamento da dívida é sustentável em função das baixas taxas de juros atuais e, portanto, não tomam nenhuma medida e, o que é pior, endividam-se rapidamente”, afirma Eric Toussaint, mesmo não sendo este o caso para a Argentina, onde não estamos presenciando uma nova onda de endividamento, mas é o caso para os países nos quais a entrada de divisas é devida fundamentalmente ao petróleo. *“Trata-se de uma incapacidade de levar em conta a situação que é muito grave, uma vez que seria necessário tirar proveito da situação atual na qual as reservas estão elevadas para fazer duas coisas: a auditoria da dívida, identificar a parte ilegítima e suspender seu pagamento, para reduzir drasticamente o estoque da dívida e acelerar o ritmo da integração regional.”*

O Banco do Sul, uma meta necessária

“Os países latino-americanos deveriam lançar a iniciativa do Banco do Sul, uma iniciativa ao mesmo tempo necessária e viável, colocando parte das suas reservas neste banco e financiando desta forma projetos regionais, sem ter que pedir financiamento para o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), ao Banco Mundial, ao FMI ou ao mercado de capitais.” Ele lança dessa forma o seguinte aviso aos governos dos países emergentes: *“eles perdem um tempo precioso e a situação pode se deteriorar rapidamente, devido à falta de previsão, razão pela qual eu quero alertar a opinião pública sobre os perigos, que não são imediatos. Nós não podemos prever qual será o ritmo do aumento das taxas de juros no Norte, mas é claro que a tendência atual é no sentido de um aumento, o que irá afetar o Sul.”*

Eric Toussaint termina seu café no bar do centrinho, onde fizemos a entrevista; ele pergunta ao colunista do *La Capitale* como está a circulação deste jornal, o que permite ao repórter lhe contar sobre a tentativa havida de ataque contra os trabalhadores (jornalistas, impressores, ...) da parte dos patrões da empresa, e a reação dos trabalhadores, seguida da reação do povo de Rosario. *“E como acabou?”* Inquiriu ele, então. O repórter lhe respondeu que os trabalhadores haviam tido êxito e, então, ele exibiu um sorriso e disse *“muito bem”*, mais para ele do que para seus interlocutores.

Traduzido por Claudia de Siervi

[1] David Muratore é o secretário de comunicação da Confederação de Trabalhadores Argentinos (CTA), que é a alternativa sindical ao sindicato histórico CGT.

[2] Trata-se do jornal de Liège, *La Walonie*, agora desaparecido. Foi o órgão do sindicato FGTB em Liège. Na Bélgica não há mais nenhum jornal de esquerda.

[3] De 2001 a 2005, a Argentina suspendeu o reembolso da sua dívida pública externa na forma de títulos, num montante de cerca de 100 bilhões de dólares. Graças a esta decisão, a Argentina foi capaz de entrar numa fase de recuperação econômica e social.

[4] Ver “Islândia: NÃO e mais NÃO!” por Yvette Krolikowski, Mike Krolikowski, Damien Millet <http://www.cadm.org/Islande-NON-et-encore-NON>